

A DITADURA MILITAR EM XEQUE NAS AUTOBIOGRAFIAS DE MARCELO RUBENS PAIVA E FERNANDO GABEIRA

THE DICTATORSHIP HISTORY IN QUESTION, IN THE MARCELO RUBENS PAIVA E
FERNANDO GABEIRA'S AUTOBIOGRAPHIES

Darlan Roberto dos Santos¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a obra *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva, apontando suas relações com o contexto histórico em questão – a Ditadura Militar. A intenção é demonstrar a representatividade desta autobiografia, como documento de uma época controversa. Para isso, serão feitas algumas conexões com as literaturas “de testemunho e de resistência”, tomando-se, como parâmetro, outra obra do mesmo período: *O que é isso companheiro?*, de Fernando Gabeira.

PALAVRAS-CHAVE: Contexto histórico. Ditadura Militar. Autobiografia. Testemunho. Literatura de Resistência.

Introdução

Produzir literatura durante (e tendo como referência) períodos cruciais da história humana é um grande desafio e também um ato missionário. De fato, as obras elaboradas em contextos de guerra ou durante crises sociais têm uma incumbência extra, de refletir, pontuar e apontar caminhos para angústias, dúvidas e anseios que, de modo geral, nos atingem, em tempos difíceis. Mais do que isso, a literatura, bem como outras manifestações artísticas, operam como um sinal de alerta, para que atos de barbárie não se repitam.

Com base nesse constructo, a empreitada dos autores compreende, além de seus afetos pessoais, a luta contra o esquecimento. A literatura deve auxiliar-nos a lembrar os erros e absurdos cometidos por gerações passadas, a fim de que lutemos, de algum modo, para que catástrofes, como a repressão, a intolerância e a perseguição, de qualquer ordem, não eclodam novamente. Neste sentido, a escrita pode ser considerada uma forma de resistência, que engloba uma dimensão ética, enquanto manifestação de indignação.

Na América Latina, a chamada “literatura de resistência” tornou-se manifesta, na contemporaneidade, com o aparecimento das ditaduras militares, em países como Chile,

¹ Pesquisador em Pós-Doutoramento pela PUC-MG, Doutor em Literatura Comparada pela UFMG. Professor da Faculdade Santa Rita e Fundação Presidente Antônio Carlos. E-mail: fenixdr@gmail.com

Argentina e Brasil. O filósofo e crítico literário Renato Franco assinala que os governos totalitários propiciaram o ressurgimento de novas ondas de catástrofe:

as quais implicaram em políticas de extermínio premeditado de contingentes de opositores, em massacre dos humilhados, em supressão dos direitos civis, em tortura sistemática contra vítimas indefesas, em repressão e censura indiscriminada, em imposição de brutal sofrimento físico a considerável parte das populações desses países, entre outras atrocidades. (FRANCO, 1988, p. 13)

No Brasil, após um período de intensa repressão, que perdurou de 1964 a meados dos anos 1970, a literatura pode, enfim, começar a dar vazão a diversos questionamentos, através da ficção e dos relatos jornalísticos, que ficaram conhecidos como “romances de denúncia e de reportagem”. Franco enfatiza que:

Ambos têm em comum tanto o fato de resultarem quase que imediatamente do fim da censura como o de almejar denunciar a violência e as atrocidades cometidas pelos militares e, dessa maneira, relatar os acontecimentos políticos da década que até então, por força da interdição, só comportaram a versão oficial dos fatos. (FRANCO, 2003, p. 36)

Outra categoria literária, que emergiu no fim dos anos 1970 foi a “literatura do testemunho”. Nessa vertente, situa-se, por exemplo, a escrita memorialística de Fernando Gabeira, com o livro *O que é isso, companheiro?* (1979). Além de seu caráter político e social, o testemunho de Gabeira reúne um alto teor dramático e é justamente nesse aspecto que a obra do militante aproxima-se da autobiografia de Marcelo Rubens Paiva, *Feliz Ano Velho* (1982), foco do presente trabalho, que, em 2012, completou 30 anos de sua publicação.

Três décadas após o lançamento da obra, entendemos ser oportuna uma revisitação, à luz da crítica acadêmica, abordando, especificamente, implicações históricas e referências socioculturais que se fazem presentes no livro de Paiva. Pretende-se, ainda, relacionar as autobiografias de Gabeira e Marcelo, apontando possíveis relações entre ambas, diante de seu contexto de produção e aproximações entre os autores.

Paiva e Gabeira: Interfaces

O que é isso, companheiro? e *Feliz Ano Velho* foram apresentadas ao público com um pequeno intervalo, de, apenas, três anos. Contemporâneas, as obras revelam as memórias de seus autores, representando, ainda, um panorama dos derradeiros anos da ditadura militar no

Revista Literatura em Debate, v. 7, n. 12, p. 139-149, jul. 2013. Recebido em: 18 jun. 2013. Aceito em: 20 jul. 2013.

Brasil. Ambas utilizam-se da escrita memorialística para desenvolverem a narração dos traumas sofridos pelos narradores-personagens.

Ressaltamos que, na acepção aqui arrolada, trauma é considerado o acontecimento cuja assimilação não se dá de modo satisfatório, sendo, por isso, necessária a adoção de mecanismos que permitam sua superação, como a prática da escrita, por exemplo².

Para Marcelo Rubens Paiva, o trauma resulta da perseguição política à sua família, ao desaparecimento do pai (o deputado Rubens Paiva, perseguido político) e, posteriormente, à perda dos movimentos corporais, proveniente de um salto em uma lagoa, seguida pela luta para adaptar-se à sua nova realidade de paraplégico. O relato do jovem representa uma alternativa à sua incapacidade para enfrentar os eventos trágicos, bem como a dificuldade em entender a cadeia de fatos que culminou com o trauma vivenciado.

Fatos cruciais são frequentemente rememorados na narração, que se configura como um mosaico de acontecimentos, que busca reconstruir a história do narrador-personagem, salvando-o do esquecimento. Seligmann-Silva nos fala sobre outra função essencial da narrativa de si mesmo; o ataque ao “inimigo”:

(A narrativa) abrange tanto a denúncia da barbárie e das atrocidades por ele (o inimigo) cometidas como a reconstituição do rosto desfigurado dos mortos, os quais tentaram, no passado, construir uma vida diversa da do atual presente. Narrar as ruínas dessa tentativa é um modo de atualizá-las. (SELIGMANN-SILVA, 2001, p. 366)

A autobiografia, portanto, realiza a tarefa de cultuar e redimir os mortos, e também atualiza o que, em outro tempo, foi motivo de dor, alegria ou afeto – aquilo que, no passado, afetou o escritor de tal maneira pungente que o mobilizou a metamorfosear sua história em texto.

Obrigado a ficar, durante meses, preso a uma cama de hospital, Marcelo Rubens Paiva adota, como “companheiro de desventuras”, nessa dolorosa fase de recuperação, Fernando Gabeira, através de seu livro:

As aventuras do Gabeira entravam pelo meu ouvido e me faziam lutar junto. Tinha momentos em que me identificava profundamente com ele. Principalmente numa parte do livro em que ele, perseguido pela polícia, é obrigado a ficar um mês no

² Ver mais em: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e Representação*.

apartamento de uma pessoa que nem conhecia. (...) Era uma situação muito parecida com a minha, preso num lugar que não conhecia, absolutamente sem fazer nada. (PAIVA, 1982, p. 37-8)

Paiva aproveita o período em que está hospitalizado para elaborar as primeiras reflexões acerca da própria vida e de seu país; lucubrações que, mais tarde, seriam registradas em sua autobiografia. Nessa empreitada, o jovem toma Gabeira como modelo. O militante, para Marcelo, representa a imagem do intelectual brasileiro que, como tantos, lutou por ideais contrários ao sistema vigente e viu seu empenho ser interrompido pelo exílio:

O Gabeira nem imagina o quão importante ele foi para mim. Nunca me esqueci da emoção que ele sentiu, quando, ao sair do apartamento, pegou um ônibus que vai pelo aterro, na praia do Flamengo, abriu a janela e ficou curtindo o vento batendo em seu rosto. (...) No final do livro, Gabeira é trocado por um embaixador e posto num avião para fora do país, na condição de exilado. (PAIVA, 1982, p. 38)

Com a abertura política, o combate empreendido no passado (do qual Rubens Paiva e o próprio Gabeira participaram) é retomado, não mais através da luta armada, e, sim, pelo trabalho do intelectual que não pode deixar que o passado se apague. Para os pensadores da “Nova República”, não deve haver anistia para o terror dos generais. É esse ímpeto de registrar o passado que perpassa os textos de Marcelo e Gabeira, aproximando-os:

Começaria aí um exílio dentro do exílio, desta vez mais longo e doloroso porque as ditaduras militares estavam fechando o cerco no continente. Na melhor das hipóteses, portanto, iríamos sofrer muito. (...) Foi assim, nessa corrida meio culpada, que me ocorreu a idéia: se escapo de mais essa, escrevo um livro contando como foi tudo. (GABEIRA, 1979, p. 12)

Marcelo também decide escrever suas memórias, na intenção de revelar suas impressões em relação ao Brasil da época, bem como seus percalços: “chega de desgraças, vou pôr esse corpinho pra funcionar. Quem sabe não escrevo também um livro pra contar a minha trajetória?” (PAIVA, 1982, p. 208).

No entanto, observamos um descompasso entre as autobiografias de Paiva e Gabeira. O ex-guerrilheiro concentra seu relato nos tempos em que era efetivamente perseguido pelo governo, o que parece reger o tom frenético da narrativa, bem como o ritmo ágil de sua escrita, que poderia ser definida com uma frase do próprio autor: “Este portanto é o livro de um homem correndo da polícia” (GABEIRA, 1979, p. 12).

Já Marcelo, preso a uma cadeira de rodas, ressentia-se não só da violência cometida pelo governo ditatorial, mas, também, pela imobilidade que o atinge. Ao contrário do homem que corre da polícia, temos o rapaz paralisado, que executa uma escrita, sobretudo, melancólica. O sentimento taciturno que se faz presente em *Feliz Ano Velho* resulta da incapacidade do autobiografado em poder modificar o seu destino, já que, nesse momento de sua trajetória, só lhe resta esperar por uma resposta do próprio corpo.

Assim como Gabeira, Paiva experimenta um tipo de privação de liberdade, imposta pela debilidade física. No momento em que elaboram suas autobiografias, tratam-se, afinal, de dois exilados: Fernando Gabeira, que, por determinação dos militares, é obrigado a deixar o país, e Marcelo, que, sem os movimentos corpóreos, sente-se exilado de si mesmo.

Na tentativa de sobrelevar-se aos infortúnios, Paiva vale-se do relato de Gabeira e segue seus passos: retoma sua história pessoal e os acontecimentos recentes, através da escrita. O porquê desse resgate através da literatura, o próprio autor parece-nos sinalizar em seu texto:

Depois do jornal, passei pro Gabeira. Na UTI, onde ditavam este livro pra mim, não tinha entendido direito, portanto comecei a ler tudo de novo. Minha avó virava as páginas. Muito melhor ler do que ouvir ditado. As palavras, quando escritas, ganham sentimentos, mais verdade. Aquilo estava ali e não poderia ser apagado, enquanto a memória apaga facilmente. (PAIVA, 1982, p. 80-1)

Evitar o apagamento da memória; eis um dos elementos que teria motivado a escrita de Marcelo Rubens Paiva. O resgate memorialístico, afinal, acaba sendo um dos traços primordiais da literatura produzida no Brasil, no ocaso dos “anos de chumbo”. O trabalho de reflexão e o registro de fatos controversos (como o desaparecimento de Rubens Paiva e o exílio de personalidades como Gabeira) parecem ser a alternativa encontrada pelos intelectuais, para darem continuidade à ação dos militantes que tentavam resistir aos abusos da ditadura.

No lugar da arma, o papel. A necessidade não mais de derrubar o regime militar, mas, de mantê-lo vivo na memória nacional, juntamente com suas implicações, tal como um legado para o futuro, em nome da preservação da democracia. Tal conduta parece ser a opção mais acertada, diante do esquecimento que toma conta de uma parcela dos intelectuais brasileiros, conforme considera Silviano Santiago:

Talvez seja correto afirmar que a memória histórica no Brasil é uma planta tropical, pouco resistente e muito sensível às mudanças no panorama sócio-econômico e político internacional. (...) A passagem do luto para a democratização, alicerçada pela desmemória dos radicais da atualidade, foi dada por passadas largas que uns, e muitos julgam até hoje, precipitadas e prematuras. Para eles, a anistia no Brasil, concedida a todos e qualquer um por decreto-lei, não deixou que o país acertasse contas com o seu passado recente e negro. (SANTIAGO, 1998, p. 22-3)

Em *O que é isso companheiro?* e *Feliz Ano Velho*, os autores abrem espaço para esse “acerto de contas” e, mesmo partindo de fatos particulares, chegam a alcançar um contexto que supera o pessoal e abrange a reflexão coletiva.

Cadeias de significação

O gênero autobiográfico – aqui representado pelos livros de Gabeira e Paiva, tem uma representação singular para seus autores, o que é evidente, já que se tratam de suas memórias. No entanto, obras dessa vertente extrapolam o caráter uníssono de relato de uma vida, na medida em que também retratam sentimentos comuns a toda uma geração. Esta nuance, aliás, é intrínseca à própria literatura, como salienta, à luz da Psicanálise, Philippe Willemart:

Em primeiro lugar, o autor não é uma mônada isolada que pudesse reivindicar o que ele produz como sendo algo exclusivamente seu; como qualquer homem, ele é a culminação de uma série de desejos de sucessivas gerações, o fruto de um momento cultural preciso. Em segundo lugar, ele utiliza uma língua carregada de sentidos que o domina e controla mais do que ele pensa. E, por fim, essa mesma língua, uma vez colocada no papel e através da narrativa, força arranjos e desloca elementos tanto no nível do sintagma quanto do paradigma. (WILLEMART, 2002, p. 19)

Assim, o leitor frui, através da obra, não apenas os afetos do escritor, mas, também, os de seus contemporâneos, acessando um vasto conteúdo simbólico, em que toda uma geração está imersa. “Toda obra de arte que responde ao nosso imaginário é capaz de trabalhar o simbólico em que estamos inseridos e modificar nossa relação com o real” (WILLEMART, 2002, p. 20), acrescenta o psicanalista.

O relato sobre si mesmo, além de funcionar como uma estratégia de autoexame, permite que muitos leitores identifiquem-se com o que está sendo narrado. Mais do que isso, a escrita memorialística, quando exposta a outrem, opera como uma espécie de “análise coletiva”, na qual, o público, embora estratificado, heterogêneo, também exorciza seus demônios íntimos e vivencia a emergência de sentimentos recalçados.

A fruição do texto permite a esses leitores um duplo exercício, de autorreflexão e de análise do autor-personagem. Em relação à segunda empreitada, o resultado, invariavelmente, são múltiplos diagnósticos, impressões que a *persona* da literatura desperta nas pessoas. Essas sensações representam a imagem social deixada pelo autobiografado.

No caso de Marcelo Rubens Paiva, a comoção gerada por seu livro está intrinsecamente ligada à construção da imagem de um jovem contestador, vítima da repressão política, que enfrentou seus dramas pessoais (sobretudo, a perda do pai e o acidente) e soube extravasar toda a energia contida pelos “anos de chumbo”, graças ao exercício da escrita.

Ademais, um texto adquire valor especial quando inserido em uma cadeia significativa, o que, reiteramos, ocorre em relação à literatura produzida em tempos controversos. Uma obra solta, dificilmente, tem significação. Ainda quando um único texto nos parece suficiente para expressar algo, seu valor já está dado pela cadeia das obras que, voluntária ou involuntariamente, se associam a ele.

Lacan (1998) classifica essas sequências organizadas como sendo “cadeias significantes”³. Sem aprofundarmo-nos no conceito lacaniano, tomamos de empréstimo o termo, apenas como indicativo de uma série de obras literárias marcadas por um mesmo contexto histórico e permeadas por questões afins. É o caso de *O que é isso, companheiro?*, *Feliz ano velho*, e tantas outras publicações que emergem no limiar entre as décadas de 70 e 80.

O “diálogo” entre essas obras, suas interfaces, distinções e aproximações, são úteis aos leitores – e à crítica acadêmica, de modo geral –, pois permitem que elaborem um entendimento mais amplo de dada realidade. É, afinal, uma das principais contribuições da literatura – apresentando-nos diversas versões de um mesmo fato, para que, assim, aproximemo-nos – o tanto quanto for possível – da “verdade”, especialmente tratando-se de eventos emblemáticos, como as guerras ou os regimes de exceção.

Conclusões: “reaprendendo a andar”

³ Ver mais em: LACAN, Jacques. A rede dos significantes. In: *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

A rememoração elaborada por Marcelo Rubens Paiva em sua autobiografia parece configurar-se como expurgo do passado, que, com efeito, é empreendido pelo autor, mas, também, depende da cumplicidade do leitor, que pode fruir a obra de Paiva como um manifesto de denúncia. Nesta acepção, a memória adquire fundamental importância, especialmente por transcender a questão meramente particular. Roberto Correa dos Santos resume esse caráter redentor da escrita memorialística:

Os estudos sob a rubrica da Memória dirigem-se por tal empenho humanizador de retirar do esquecimento: uns visam a pôr em evidência, uns a ordenar e a compreender, uns a atualizar e a reformar; outros visam a preservar, outros a restaurar. Cada direção dessas formula um modelo próprio de conceber a História. (SANTOS, 1999, p. 16)

Ao resgatar acontecimentos pungentes, não só para si mesmo, mas, para os brasileiros em geral, Marcelo nos permite compreender a história recente do país e os seus desdobramentos. Além disso, ele refuta a amnésia que atinge parte da intelectualidade brasileira pós-ditadura militar, muito mais comprometida com a elaboração do arcabouço da redemocratização.

O tom melancólico adotado pelo autor evita que ele deixe-se levar pela onda de glorificação à liberdade que domina a cena política no período em que a obra é escrita (início dos anos 1980). Em detrimento da exaltação da anistia e da abertura, Marcelo prefere trazer à tona o abuso de poder cometido pelo governo, bem como a dor da perseguição e da tortura, reivindicando a punição dos culpados:

Justiça neste país é uma palavra sem muita importância. As pessoas de farda ainda são os donos do Brasil (...). Chegará o dia de quem desapareceu com Rubens Paiva, assim como chegará o dia dos que desapareceram com vinte mil na Argentina, porque esses desaparecimentos têm o mesmo significado. O sadismo de alguns imbecis que apenas por vestirem fardas e usarem armas se acham no direito divino de tirar a vida de uma pessoa, pelo ideal egoísta de se manter no poder. (PAIVA, 1982, p. 65)

A alusão a esses temas serve, ao mesmo tempo, como catarse da dor particular e uma espécie de aviso contra a intolerância de regimes totalitários. Entretanto, apesar das dolorosas memórias, a expectativa por mudanças efetivas também faz parte de *Feliz Ano Velho*, que enfatiza a efervescência política da época:

Em 79, o Figueiredo assume o poder, e a metade do país estava em greve (...) “Não é uma greve política”, diziam os jornais em letras garrafais. Mas os olhos dos estudantes brilhavam: “Será que está chegando a hora?” Eu já estava me preparando pra agir. (...) O MDB fora extinto e novos partidos já estavam em organização. Um deles, um tal de PT (Partido dos Trabalhadores), organizado por alguns recentes líderes sindicais e pelo tal de Lula. (...) Orgulho-me de ser um dos primeiros filiados do PT e um dia ainda direi pros meus filhos: - Tá vendo, sabia que isso ia dar certo... (PAIVA, 1982, p. 142-4)

A abordagem sociopolítica, portanto, não se limita à denúncia de crimes praticados pelo governo ditatorial e à exigência de penalidades para os acusados. O autor prefere encerrar tal processo dando um salto rumo ao futuro e parece-nos sinalizar para um novo ciclo que se inicia na nação: a luta dos intelectuais brasileiros que, a partir da “nova república”, trocam as armas e as palavras de ordem das passeatas pelas admoestações perpetuadas em textos, que não nos deixam esquecer da história do país.

Trata-se da “reaprendizagem”, que pontua a trajetória do autobiografado, bem como os rumos da nação, no período focado na obra. O Brasil, assim como Marcelo, precisa reaprender a lidar com seu próprio corpo, após um grande abalo. A ditadura militar, de maneira similar ao salto empreendido pelo jovem em uma lagoa, paralisa o país, impede seus movimentos, tolhendo sua liberdade. O autor também sente esse drama na esfera pessoal e, paralelamente à nação, trava uma luta para superar o trauma e resgatar sua mobilidade.

Em meio à narrativa de seu dramático processo de recuperação – no qual contou com o livro de Gabeira, como “muleta” psicológica – o escritor, em dado momento, deixa de lado a revolta e a sensação de culpa que o acomete. Pragmaticamente, ele se conscientiza de que é preciso seguir em frente, apesar de tudo:

De repente, deu-me um clique. Lembrei-me de que tinha um corpo, apesar de tudo. Cheguei no meu quarto, deitei no chão. Minhas pernas, que saudades delas. Fiquei acariciando-as e, mesmo sem sentir muita coisa, mordi o joelho, arranquei uns pelinhos, lambi a coxa, cocei o dedão. Meu corpo, vivo, apesar de não mexer. (...) Que loucura, eu tenho que me redescobrir sexualmente, saber usar esse corpo, aprender com ele. (PAIVA, 1982, p. 228)

Marcelo conclui que, embora possua o mesmo corpo de antes, trata-se de um corpo desconhecido, combalido após o acidente. Familiarizar-se com essa nova situação é, pois, desafio semelhante ao que se apresenta ao país, com tantas circunstâncias que envolvem o processo de abertura política, algumas delas, mencionadas em *Feliz Ano Velho*:

O movimento operário estava explodindo. A greve de 79 foi vitoriosa, até fez com que o Governo fizesse um decreto de aumento salarial de 20% para todo o país. Mas a maior vitória mesmo foi a reorganização dos sindicatos, principalmente no ABC, e, de uma certa maneira, a politização dos operários. Sofri o acidente, e, ao lado do Hospital Paraíso, no Colégio Sion, foi feito o encontro de fundação do Partido dos Trabalhadores. (PAIVA, 1982, p. 143)

Analogamente ao país que se reorganiza politicamente, após uma paralisia de quase duas décadas, deflagrada pelo golpe de 1964, Marcelo Rubens Paiva luta para superar as limitações impostas pelo acidente. Ao abordar as duas esferas, concomitantemente, é como se o autobiógrafo demonstrasse o compasso entre vida particular e história nacional, que, afinal, compõem os dois eixos de *Feliz Ano Velho*. Focalizando o tema da reabilitação, o escritor permite que as duas vias – individual e coletiva – se cruzem, conferindo, assim, coesão à narrativa.

ABSTRACT: This paper discusses the book *Feliz Ano Velho*, by Marcelo Rubens Paiva, exploring the relations with the historical context in question – the military regime. The intention is to demonstrate the representativeness of this autobiography, as a document of a time controversial. For that, presents some connections with the “testimony and resistance literature”, adopting, as a parameter, another text from the same period: *O que é isso companheiro?*, by Fernando Gabeira.

KEYWORDS: Historical context. Dictatorship History. Autobiography. Testimony. Resistance Literature.

REFERÊNCIAS

FRANCO, Renato. *Itinerário político do romance pós-64: a festa*. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

_____. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 35-374.

GABEIRA, Fernando. *O que é isso companheiro?*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LACAN, Jacques. A rede dos significantes. In: *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

Revista Literatura em Debate, v. 7, n. 12, p. 139-149, jul. 2013. Recebido em: 18 jun. 2013. Aceito em: 20 jul. 2013.

PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz Ano Velho*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SANTOS, Roberto Correa dos. *Modos de saber, modos de adoecer*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

SANTIAGO, Silviano. Democratização no Brasil – 1979-1981 (Cultura versus Arte). In: ANTERO, R. (Org). *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: Abralic, Letras contemporâneas, 1998. p. 11-23.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A catástrofe do cotidiano, a apocalíptica e a redentora: sobre Walter Benjamin e a escritura da memória. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virginia (Orgs.). *Mimesis e expressão*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

_____. *História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 2003.

WILLEMART, Philippe. *Educação sentimental em Proust*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2002 .